

Risco político atrapalha recuperação de renda fixa e ações

Para os gestores de fundos, o preço dos ativos no mercado secundário é muito relevante

Por **Naiara Bertão** — De São Paulo

19/05/2020 05h00 · Atualizado há 6 horas



Apesar das incertezas sobre a duração da quarentena e os prejuízos que a pandemia trará para a economia brasileira, os mercados até que se acalmaram a partir de abril, especialmente na comparação com o turbulento mês de março. O Ibovespa subiu no mês passado e, como mostra levantamento da Luz Consultoria feito para o **Valor Investe**, os títulos de crédito privado tiveram queda nos juros ofertados, com consequente aumento de preço dos papéis no mercado secundário. Tal recuperação, porém, está sendo atrapalhada pelo agravamento da crise econômica e o aumento do risco político.

Ao que tudo indica, com a névoa da pandemia se assentando, ficará evidente outro problema que o Brasil enfrenta: um crescente risco político. Isso tudo está trazendo mais volatilidade e incerteza em meio aos problemas de saúde e econômico que o Brasil enfrenta.

Levantamento da POP BR, empresa da Luz Soluções Financeiras que acompanha os preços das debêntures, mostra que, após ligeira melhora na volatilidade do mercado em meados de abril, as taxas de juros pagas pelos títulos de crédito privado voltaram a apresentar forte volatilidade após o dia 22 do mês passado.

“Os papéis começaram abril com uma tendência de melhora, mas este movimento permaneceu somente até o dia 22. Se compararmos as taxas pagas pelas debêntures naquele dia com as taxas desta semana podemos ver um novo movimento de alta. Este aumento pode ser um reflexo direto da piora das expectativas e as crescentes incertezas internas”, destaca a consultoria.

A data coincide com os primeiros rumores de que o “casamento político” entre o presidente Jair Bolsonaro e o ex-ministro Sergio Moro estava no fim. Dois dias depois, em 24 de abril, Moro anunciou em coletiva de imprensa sua saída do ministério da Justiça e Segurança Pública.

“As taxas de juros pagas pelas debêntures chegaram a apresentar variações mais próximas da normalidade ao longo do mês de abril. Porém, nas últimas semanas, com o aumento das incertezas internas, nota-se um novo aumento das taxas. Como resultado, no acumulado entre fevereiro e maio, os juros ainda apresentam forte alta”, diz a consultoria. A mesma tensão foi observada no período nos mercados de câmbio e de ações.

“O impacto político sobre o dólar é muito grande, sendo que as discussões entre os Três Poderes trazem insegurança jurídica para os investidores, que ficam muito receosos de aplicar seu capital e não ter a certeza de que terão um retorno. Após o pedido de demissão de Nelson Teich do Ministério da Saúde, a tendência do dólar continua sendo de alta. O risco político, aliado ao coronavírus, influencia, e muito, essa alta”, diz Mauriciano Cavalcante, diretor de câmbio da Ourominas.

No levantamento das debêntures indexadas ao IPCA, entre abril e maio os papéis com rating “AAA” (a melhor nota de risco de crédito) apresentaram um aumento médio de apenas 0,16% nas taxas de juros oferecidas. Entre as debêntures analisadas, os papéis com rating “BBB” apresentam aumento expressivo de abril para maio, com alta de 6,43%. As maiores quedas ficaram com as debêntures “BB”, com recuo de 2,39%.

“Assim como outros ativos financeiros, os valores e taxas das debêntures ainda refletem as incertezas com a crise atual. Mesmo com a queda dos juros básicos da economia, os títulos privados ainda precisam pagar taxas elevadas para atrair investidores”, explica Aruã Torigoe Kalmus, analista da POP BR.

Para Kalmus, o secundário é um termômetro do humor do mercado. Ele explica que as taxas mais altas negociadas não impactam diretamente os custos das empresas, uma vez que ela paga pelo que está no contrato. Mas o analista reitera que esta alta de juro implica que o risco aparente desse emissor está maior agora do que na época da emissão. Desta forma, no caso de uma nova emissão, esse emissor teria que pagar muito mais.

“Para os gestores de fundos, o preço dos ativos no mercado secundário é muito relevante. Como a posição das carteiras costuma ser grande principalmente em ativos com ratings bons, a alta das taxas no secundário faz o valor da cota cair muito de um dia para o outro, o que pode levar a uma corrida de solicitação de resgates por parte dos investidores que estão com medo de perder dinheiro”, diz.